

CAPÍTULO III - A SISTEMÁTICA DOS RELACIONAMENTOS

3. INTRODUÇÃO

Depois de conhecermos os principais conceitos junguianos relacionados ao casamento e à sua expectativa, neste capítulo tentarei expor como estes instrumentos conceituais estão presentes na prática, tanto influenciando a escolha do parceiro como dirigindo em boa medida os sentimentos e atitudes dentro dos relacionamentos.

3.1. A ESCOLHA DO PARCEIRO

Até aqui falamos principalmente das manifestações do inconsciente pessoal e coletivo na vida consciente do indivíduo, procurando explicar como Jung organizou e conceituou esta influência. Agora vejamos como estes conteúdos influenciam especificamente no âmbito da escolha do parceiro. O momento em que a paixão toma conta das personalidades envolvidas é bastante típico, e para não dizer arquetípico. Importante notar que quanto mais o indivíduo tiver se negado a ouvir as mensagens do inconsciente, quanto mais unilateral tiver sido sua atitude consciente, tanto mais este estará a mercê das figuras do inconsciente, vindo daí o sentimento de arrebatamento e possessão da paixão, semelhante a uma poção do amor.

Em *O Desenvolvimento da Personalidade*, Jung (1986) nos apresenta a perspectiva de que neste caso, quanto mais enfeitado estiver o casal, tanto menor liberdade haverá na hora da escolha do parceiro. Dentre os fatores que influenciam a escolha do parceiro, e que de costume os colocam em situações de dificuldade posteriormente em um casamento, são de importância primeira os tipos psicológicos dos parceiros, suas interações pessoais com *anima/animus* e suas relações com os respectivos pais.

Ressaltamos que o uso do termo “escolha” é relativo, visto que quanto mais inconsciente o indivíduo estiver, menor será a “escolha” por quem se apaixona. É como se a paixão fosse arrebatadora, escolhendo uma pessoa que traga aqueles aspectos que

precisam ser integrados. Se este sentimento vai se transformar em amor ou não, é outra história.

3.1.1. As Funções Influenciam a Escolha do Parceiro.

Existe a máxima de que os opostos se atraem. Quanto a ela, poderíamos relatar diversas páginas de exemplos que vão ao seu encontro, como também poderíamos contar centenas de casos que a tornam inválida. Observamos então, que se faz preciso uma análise mais profunda das relações e da influência que pessoas de tipos opostos exercem entre si.

Conforme exposto, segundo Jung (2008a) as pessoas não são deste ou daquele tipo psicológico, mas ao invés disso possuem funções psíquicas que são usadas na sua adaptação ao mundo. As duas funções de julgamento são o sentimento e o pensamento, enquanto que as duas funções de percepção são a sensação e a intuição. Todos os indivíduos utilizam as quatro funções, entretanto uma delas é a predominantemente utilizada, seja de forma extrovertida ou de forma introvertida. Citando um exemplo para resumir, dizemos que alguém é do tipo pensamento introvertido quando a função principal utilizada por esta pessoa é o pensamento, fazendo seu uso de forma introvertida. Não obstante, as outras três funções também estão presentes em sua atitude, seja de forma introvertida ou extrovertida.

Neste sentido, o que importa para o presente estudo é que segundo Jung (2008a), quanto maior a predominância da função principal, quanto mais unilateralmente esta for exercida pelo indivíduo, tanto mais será reprimida a atitude complementar, representada pela função inferior. Nesta dinâmica, ser reprimida significa relegá-la aos domínios do inconsciente, de onde lançará sinais que compensem a atitude consciente da função principal.

A partir daqui, podemos enxergar como esta lógica influenciará na escolha do parceiro. Sabemos que as pessoas agem segundo uma função principal. Também sabemos que quanto mais unilateralmente ela for utilizada, mais estará faltando na atitude consciente o exercício da função inferior. Então esta função inferior tenderá a emergir na consciência, podendo até mesmo assaltá-la. Uma das maneiras que esta função inferior se apresenta será por meio da projeção. Daí sucede-se que comumente alguém se apaixone por pessoas que tenham como função principal aquela que em si exerce condição de função inferior. Neste caso, semelhante ao que acontece com o casal

que tomou a poção do amor, esta pessoa estará iludida quanto aos reais sentimentos. O que ocorre na prática é que estará amando na realidade aquela parte de si que está relegada ao inconsciente, mas que está personificada no parceiro desejado.

Os efeitos deste processo na escolha do parceiro serão muito evidentes. Quanto menos o indivíduo tiver noção desta dinâmica, mais sua escolha será inconsciente. O progresso que virá desta relação terá mais chance de ocorrer no campo dos conflitos do que na seara do amor. A real motivação da escolha será a busca de um aspecto faltante na consciência, mas que deveria ser buscado interiormente. Assim como Carotenuto escreveu,

cada um deles representa para o outro o aspecto faltante, a parte em sombra de sua própria personalidade. Juntos, é como se essas duas polaridades pudessem reconstituir-se em unidades. Cada um dos parceiros procura na relação a completude de seu ser. (CAROTENUTO, 1997, p. 133)

Além disso, como esta relação com a função inferior no outro é um misto de amor e ódio por si mesmo, visto na figura do outro, não raro as assertivas negativas relacionadas ao namoro, ou ao casamento são fundamentadas em experiências negativas com pessoas com desenvolvimento de tipo oposto. Quando falta consciência no relacionamento a tendência é projetar as dificuldades no sexo oposto, ou então na instituição do casamento, ou então no costume do namoro. As qualidades sombrias associadas à função inferior são comumente projetadas nestes objetos.

3.1.2. A *Anima e o Animus* na Busca do Amor

Segundo Jung (1986), os homens são masculinos porque a sua atitude consciente predominante é na esfera do masculino, sendo que semelhante analogia pode ser feita com relação às mulheres. Nesta linha, a complementaridade feminina do homem fica predominantemente atuante no campo do inconsciente, enquanto que na mulher, isto ocorre com relação à sua complementaridade masculina. A estas funções complementares, ou arquétipos, Jung deu nome de *anima* àquela que pertence aos homens, e de *animus* àquela que pertence às mulheres.

A *anima* é para o homem uma imagem de mulher vinda de “uma massa hereditária inconsciente, gravada no sistema vital e proveniente de eras remotíssimas”

(JUNG, 1986, p. 203). O mesmo pode-se dizer com relação ao *animus*, como a imagem de homem pertencente à mulher. Dai depreende-se que as expectativas e fantasias com relação ao sexo oposto tem como fonte principal estes arquétipos. Ainda segundo Jung, a *anima* seria de caráter erótico emotivo, enquanto que o *animus* seria de caráter raciocinador.

Conforme exposto no capítulo anterior, os arquétipos *anima* e *animus*, exercem seu domínio no campo do inconsciente. Então, a forma mais comum de entrarmos em contato com seus conteúdos é por meio da projeção. Por isto, é aqui que se apresenta a forte influencia que este processo exerce na escolha do parceiro. Assim como ocorre na projeção da função inferior, é bastante comum homens e mulheres projetarem seus *animas/animus* no parceiro. A mesma lógica da compensação é vista, na medida em que, quanto menos consciência estes tiverem de seus aspectos complementares, menor será a liberdade de escolha, visto que procurará em outras pessoas uma parte que lhe pertence e que está relegada ao inconsciente. Seja encontrando alguém que personifique sua imagem interior de *anima/animus*, seja acreditando ver características que ali não estão, indivíduos contraem núpcias apaixonados por si mesmos, muitas vezes negando ver as pessoas reais que ali estão.

Esta relação mágica que acontece quando os arquétipos estão envolvidos é responsável pela intensidade com que este processo é vivido. Da mesma forma que a paixão fica mais arrebatadora, a repulsa e os preconceitos também se manifestam de forma intensa no campo dos relacionamentos. Muitas pessoas realmente fogem de casamento “como o capeta foge da cruz”, pois a constelação de suas relações com pessoas que personificaram sua *anima* torna este terreno bastante mitológico e fantasioso.

Perceba que quando dizemos que um homem projeta sua *anima*, nos referimos à relação que ele próprio tem com seu ideal de feminino, neste caso representado pela *anima*. Como a *anima* é um arquétipo que faz parte do inconsciente coletivo, o homem projeta suas características universais/sociais. Contudo, dá a *anima* uma tonalidade pessoal de sua relação com este arquétipo.

Nas palavras de Vanda Lucia Di Yorio Benedito (1996, p.21), estas imagens “dirigem o indivíduo na busca de alguém que pode representar uma promessa reparatória de vivências passadas, que acabaram por impingir à personalidade uma cisão entre a emergência natural dos elementos inconscientes e sua representação na consciência”. Para a citada autora, quanto mais humanizados estiverem os complexos de

anima/animus, ou seja, quanto mais consciente for o indivíduo da sua parte complementar inconsciente, menos contaminada estará a escolha do parceiro.

O que se faz urgente notar é a importância da integração dos conteúdos inconscientes para se enxergar mais limpidamente o parceiro. Tanto no caso das funções psicológicas como no caso dos arquétipos de *anima/animus*, há conteúdos que de alguma forma foram relegados ao inconsciente, e que naturalmente assaltam o consciente para serem integrados, seja voluntariamente, seja por meio de projeções, doenças, psicoses ou paixões avassaladoras.

No caso dos arquétipos *anima/animus*, Aldo Carotenuto (1997) fala dessa pressão do inconsciente como nostalgia de simbiose, da integração total de nosso ser. Ao amar no parceiro as próprias características, como acontece na projeção dos citados arquétipos, estaríamos buscando o matrimônio interior, ou seja, a integração dos próprios conteúdos inconscientes.

Ainda nesta linha, poderíamos enxergar o egoísmo deste tipo de relacionamento, apesar da inconsciência destes processos. Robert A. Johnson (1987) faz uma profunda análise psicológica do mito de Tristão e Isolda, procurando diferenciar o amor verdadeiro da paixão romântica. Para ele a paixão e o romance seria principalmente a vivência da projeção da *anima*, ou seja, uma adoração por si mesmo, pelas próprias imagens. Segundo o autor,

o romance, pela sua própria natureza, está fadado a degenerar para o egoísmo, pois ele não é um amor dirigido a outro ser humano. A paixão do romance é sempre dirigida às nossas projeções, às nossas expectativas, às nossas fantasias. Na verdade, não é amor que se sente por uma pessoa, mas o que sentimos por nós mesmos. (JOHNSON, 1987, p. 258)

3.1.3. A Relação com os Pais Também Dita a Escolha do Parceiro

A relação que um indivíduo possui com os pais está intimamente ligada à escolha que este fará quando decidir se casar. Em primeiro lugar, já nascemos com as expectativas que nossos pais possuem de nós. Essas expectativas estão normalmente relacionadas com a vida que eles queriam ter vivido, mas não o fizeram, ou seja, da parte frustrada de suas vidas. Neste sentido, Jung (1986, p. 196) escreve que “em regra,

a vida que os pais podiam ter vivido, mas foi impedida por motivos artificiais, é herdada pelos filhos, sob uma forma oposta”. Ou seja, para ele, quanto mais inconsciente for o indivíduo desta relação de projeção dos pais, mais influenciado será na escolha de um parceiro. E agindo assim, ao invés de valorizar qualidades que verdadeiramente lhe seriam agradáveis, estará buscando enxergar em seus relacionamentos os aspectos da personalidade que reforcem seu caminho oposto à expectativa dos pais, o caminho que foi relegado à sombra da vida deles.

Se considerarmos o ambiente familiar como um organismo inteiro, os aspectos compensatórios dentro deste ambiente ficam mais claros. Arnold Mindell (1991) realizou importante trabalho nesta perspectiva, utilizando-se de terapias familiares. Em linhas gerais, o autor considera que assim como a totalidade de um indivíduo comporta a luz e a sombra, podemos enxergar o mesmo dentro de uma família, respeitando as devidas proporções. Se por exemplo a mãe é exageradamente extrovertida, o pai pode acabar assumindo uma postura muito introvertida, de forma a inconscientemente compensar a atitude da esposa. Na relação entre os pais e os filhos, o mesmo pode acontecer. Quanto mais os pais negarem uma atitude ou uma conduta de vida, tanto mais esta ficará na sombra, e poderá manifestar-se na atitude dos filhos. Desta forma, declara que “é comum os filhos serem os portadores do processo secundário da família, de um modo bastante direto.” (MINDELLI, 1991, p. 75)

Aldo Carotenuto (1997) propõe um outra perspectiva desta relação. Segundo o autor, no movimento de sonhar a vida dos filhos, e inconscientemente traçar o caminho que estes deveriam tomar, ou enxergar qualidades que estes não possuem, os pais traem a personalidade dos filhos. “A extorsão dos pais se apóia na adoração incondicionada dos filhos. As crianças estão prontas para tudo, contanto que não percam a aprovação, a proteção e o amor deles.” (CAROTENUTO, 1997, p. 44). O crescimento pessoal dos filhos deveria acontecer na medida em que tiverem capacidade de trair esta expectativa dos pais em favor de suas personalidades. Assim, quanto maior for a capacidade de realizar esta traição com relação aos pais, mais livre estará o indivíduo no momento da escolha de seu parceiro.

3.2. OS DESENTENDIMENTOS NO AMBIENTE DO CASAMENTO

Nesta etapa serão abordados os processos psicológicos que ocorrem no âmbito do casamento. Baseado no que já foi dito aqui, temos uma boa perspectiva dos problemas que surgem no casamento, considerando a importante influência do inconsciente na escolha do parceiro, bem como na vivência do casamento.

No mito de Tristão e Isolda (JOHNSON, 1987) este momento é aquele em que o efeito da poção do amor se esvai, quando a paixão avassaladora que uniu um casal esfria, e ambos se deparam com seres humanos possuidores de grande quantidade de defeitos e de características que não foram vistos anteriormente. A partir daí os conflitos parecem ser inevitáveis. Os arquétipos e a sombra serão sentidos em seus aspectos mais problemáticos caso os indivíduos não tenham integrado seus respectivos conteúdos, caso ainda funcionem como complexos autônomos. Quanto mais estiverem dispostos a encararem a sua própria sombra, tanto menos serão os cônjuges “vítimas” da fatalidade de um casamento infeliz.

3.2.1. Diferenças de Perspectivas

Comumente escutamos de casais a reclamação típica de que “o outro é que não me entende”. Se olharmos pela perspectiva dos tipos, esta reclamação não é totalmente injusta. Conforme exposto, no momento em que estamos em atitude unilateral, materiais inconscientes tendem a tomar nossas atitudes sorrateiramente, sendo comum nos unirmos a pessoas que carregam nossos aspectos negados. No tocante as funções psicológicas, é grande a chance de que casais sejam formados por pessoas que possuem como função principal, a função inferior do cônjuge. E é nesta perspectiva que a comunicação pode se tornar inviável dentro de um matrimônio.

Imagine que um homem com função pensamento como atitude predominante aja unilateralmente por esta via. Seus aspectos julgadores relacionados ao “eu gosto, eu não gosto, isto é bom, isto é ruim” estarão em avançado estágio de atrofiamento. Sua atitude predominante para julgar é baseada em “isto é lógico, isto não é lógico, isto faz sentido,

isto não faz”. Quanto mais relegada ao inconsciente estiver sua função julgadora do sentimento, tanto maior será a chance de que ele a busque em outra pessoa, sendo grande a chance de que se case com uma mulher que exerça conscientemente esta função. Imagine então quando o efeito da poção do amor romântico passar, e ele tiver de encarar nua e cruamente uma pessoa que julga suas escolhas de forma antagônica à dele. É neste momento que a maturidade do indivíduo terá papel definitivo, levando este a entender que aquela mulher pode mostrar-lhe o caminho para seu próprio tesouro escondido no inconsciente, ou incitando-o a culpá-la de não ser aquilo que ele pensava, de não entender sua forma de pensar e não valorizar as mesmas coisas que ele.

Este exemplo de tipos opostos casados é muito comum, mas ressaltamos que o sucesso do matrimônio está primordialmente na postura dos parceiros, em detrimento da tipologia dos mesmos. É verdade que quando a postura imatura de negar os aspectos sombrios da própria personalidade é reinante, a diferença de tipos psicológicos pode agravar em muito as diversidades dentro do relacionamento. Entretanto se a relação for encarada como meio de integração pessoal destes conteúdos, a diferença tipológica é bastante salutar. Vanda di Yorio (1996, p.48) desenvolve a perspectiva de que “a função inferior é um complexo sadio da psique, uma vez que faz parte da sua estrutura, em seu aspecto nato, arquetípico; em seu aspecto dinâmico contribui para o seu equilíbrio.”

3.2.2. *Anima e Animus*: No Casamento Somos Apenas Dois?

Além da diferença de tipos psicológicos, a relação dos indivíduos com seus arquétipos de gênero opostos é de vital importância no casamento. Acima dissemos que é grande a chance de que um homem se case com uma mulher que personifique sua *anima*, na tentativa inconsciente de integrar à sua personalidade uma parte que está relegada ao inconsciente. Pois bem, se no momento em que está apaixonado só enxergava os aspectos luminosos deste arquétipo, depois que o tempo da poção mágica passa, aquele é tomado pelos aspectos sombrios da *anima*.

John A. Sanford (1986) traz um trabalho que apresenta as dinâmicas do relacionamento em função da *anima* e *animus*. No caso do homem, ele conta que “quanto está possuído pela *anima*, ele passa a ter tristeza, tende a ficar de mau humor, extremamente sensível e perturbado.” (SANFORD, 1986, p.49). Segundo o autor, se o

homem fosse mais ativo na atitude de expressar seus sentimentos, menos estaria a mercê de sua parte feminina inconsciente. Isto por que os aspectos negativos da *anima* são ativados nele quando está afetado, quando a mulher ativa seu complexo. A irrupção da anima pode ser com tamanha independência, que Jung diz que “a *anima* se interpõe como se fosse uma amante ciumenta que procura indispor o homem com sua família.” (JUNG, 2008, p.76)

Ainda em Sanford, encontramos que “se a *anima* é a mestra e responsável pelas más disposições no homem, o *animus* é o mestre e responsável pelas opiniões na mulher” (SANFORD, 1986, p.60). O autor explica que neste caso, assim como o homem fica dominado pelos aspectos mais negativos da emotividade, a mulher expressa uma lógica masculina inferior quando está possuída pelo *animus*. Sobre o assunto, Jung nos traz que

se eu tivesse que caracterizar, resumindo em poucas palavras, a diferença entre homem e mulher no tocante ao problema que nos ocupa, isto é, como se confrontam *anima* e *animus*, eu diria: assim como a *anima* produz caprichos, o *animus* produz opiniões; e assim como os caprichos do homem brotam de um fundo obscuro, do mesmo modo as opiniões da mulher provêm de pressupostos apriorísticos inconscientes. (JUNG, 2008b p.82 Grifos do autor)

É preciso ressaltar que estamos falando dos assaltos que *anima* e *animus* fazem à consciência masculina e feminina, de forma agressiva e mostrando seus lados mais sombrios. Num casamento em desarmonia, em que os parceiros não encontraram a postura de autoconhecimento e de tolerância mútua, as manifestações desses arquétipos costumam acontecer neste nível exposto, de forma que muitas vezes os reais parceiros são o inconsciente do outro. Estes são os chamados parceiros invisíveis, que se sobrepõem às pessoas de corpo presente nos relacionamentos.

3.2.3. Os Pais Dentro do Casamento

No item anterior foi exposto como os cônjuges podem ser tomados pelos aspectos negativos dos arquétipos de *anima* e *animus*. Entretanto voltemos ao processo de projeção destes. Conforme dissemos, no momento da escolha do parceiro, dentre os fatores que causam a paixão estão as projeções dos aspectos numinosos da *anima/animus* na pessoa pretendida. Contudo, depois que a paixão passa e o efeito da

poção do amor termina, muito possivelmente serão projetadas as características mais sombrias desses arquétipos.

Nesta linha, se faz necessário saber que segundo Jung (2008b), são os pais as primeiras pessoas que recebem a forte projeção destes arquétipos, depreendendo-se daí a importância que a relação com os mesmos tem no âmbito do matrimônio. Por este motivo, não raro encontramos cônjuges agindo ansiosos e inseguros como crianças dentro de um relacionamento. Muitas vezes na realidade interna deles, estão de verdade perante os pais, só que desta vez na figura do parceiro. Quando a separação entre um indivíduo e seus pais não é realizada, forma-se uma lacuna, e sobre ela Jung diz que

a *anima*, sob a forma da imago materna, é transferida para a mulher. Depois do casamento, é comum o homem tornar-se infantil, sentimental, dependente e mesmo subserviente; em outros casos, torna-se tirânico e hipersensível, constantemente preocupado com o prestígio de sua masculinidade superior. (2008b, p. 73)

Por esta perspectiva, Carotenuto (1997) propõe que na medida em que indivíduos não superaram suas feridas nas relações com os pais, agem no matrimônio na mesma busca de amor incondicional.

Quando amamos com o desejo inconsciente de anular a ferida originária, e uma vez mais somos abandonados e entregues à angústia da perda, podemos salvar-nos somente através de um crescimento que nos mostre quão anacrônico é o desejo de fusão total e indiferenciada e como está destinado a malograr, uma vez que a vida nos repropõe continuamente experiências de separações e diferenciações. (CAROTENUTO, 1997, p. 126).

Olhando por este ângulo, entendemos que muitos atritos dentro do casamento vêm do desfazimento desta expectativa. Novamente uma vez o homem se vê diante de uma mulher que não desempenhará o “papel mágico de mãe” (JUNG, 2008b), enquanto a mulher se depara com alguém que não será seu herói, seu salvador ou seu grande mestre.

Mais uma vez, o que vai diferenciar a relação dos cônjuges será a postura destes com relação aos obstáculos a serem superados, e a capacidade de recriar as frustrações. Da mesma forma em que o parceiro pode ser o veículo de sofrimento por não agir de acordo com a expectativa de amor incondicional, perceber que esta ferida se iniciou na relação com os pais, e que continua aberta, pode ser mais uma oportunidade de superá-la. Conforme Carotenuto,

a presença dentro de nós da criança inerme e pronta a entregar-se incondicionalmente a quem está ao seu lado é precisamente o que nos expõe à frustração, mas, ao mesmo tempo, é húmus da experiência amorosa, do momento extático de fusão com o amante. Não existe e não pode existir “amadurecimento” fora da relação consciente com nossa dimensão infantil (1997 ,p.127)

CAPÍTULO IV – O CASAMENTO COMO CAMINHO

Por fim, neste capítulo estudaremos como as interrelações apresentadas constroem os filmes de terror e os contos de fadas que tão insistentemente são vividos pelo mundo a fora. Ao reconhecermos os papéis que estamos vivendo hora ou outra, será mais fácil encontrar uma terceira via. Esta será apresentada neste capítulo como uma proposta, baseada na verificação das hipóteses iniciais deste trabalho.

4.1. O CONTO DE FADAS E O FILME DE TERROR: PORQUE INTERPRETAMOS ESSAS PEÇAS?

Considerando tudo que foi dito sobre o mundo do inconsciente, sobre a parte sombria da personalidade e da urgência de se buscar a integração, não é difícil perceber que no caminho do autoconhecimento e da busca da felicidade é comum que os indivíduos percam suas forças interiores e acabem se identificando com os papéis destas tragédias dignas de cinemas lotados. Entretanto, o que se faz notar é que as motivações que levam a estas duas atitudes extremas com relação ao matrimônio não são isoladas, mas sim totalmente interligadas. Na verdade são dois aspectos do mesmo problema. Por um lado existe o medo de olhar para si mesmo, de enxergar tudo aquilo que se condena fortemente nos outros indivíduos, e por outro existe a necessidade interior de se buscar a completude, a felicidade.

Ao ignorar as divergências que encontrarão no casamento, ao sonharem com a felicidade barata proporcionada por outra pessoa, homens e mulheres estão negando sua responsabilidade pessoal naquele contrato. Se existem aspectos intolerantes, orgulhosos, egoístas, destruidores, invejosos, auto punitivos, fracos, incapazes ou desonestos em uma personalidade, não será solução se casar com um santo para que não se sofra as

conseqüências destas atitudes. A libertação dos resultados destas atitudes só pode vir do reconhecimento e trabalho interior com estas características.

Quando idealizamos a perfeição nos outros, estamos utilizando de forma distorcida aquele impulso para o arquétipo divino que Jung (2008d) caracterizou como a Imagem de Deus, ou Imago Dei. A intenção é genuína, está fundamentada na busca pelo que idealizamos de melhor, entretanto os meios continuam sendo falhos. A numinosidade do arquétipo de Deus está fortemente presente neste caso, e por isto as pessoas pensam estar vivendo um verdadeiro conto de fadas, sem perceber que a densa camada de aspectos a serem trabalhados em si o fazem cegos para os defeitos do parceiro. A participação mística que se vive, ou que se pretende viver com a pessoa amada não permite que se enxergue qualquer falha, pois esta visão desconstruiria o ideal do arquétipo, e chamaria o indivíduo ao trabalho árduo de lidar com sua própria sombra.

Conforme vimos, este ideal de perfeição foi primeiramente projetado em nossos pais. À medida em que vamos crescendo e percebendo que nossos genitores não são tão heróis como pensávamos, vivenciamos uma frustração genuína. Se este movimento for encarado e superado com maturidade, não será difícil perceber que seu futuro parceiro é uma pessoa normal como você, com suas qualidades e defeitos. Entretanto, se nosso medo de reconhecer o imperfeito em nós e no outro for governante, vivenciaremos o mesmo tipo de projeção nos assuntos relacionados ao casamento: será uma segunda esperança de encontrar o tão sonhado herói que nossos pais não souberam ser, e novamente nos negaremos a enxergar a sombra.

Pierrakos e Sally (2001) corroboram a idéia de que todos possuímos uma vontade de ser feliz, inerente ao ser humano. Na psicologia Analítica de Jung, esta vontade é o sentido da realização do si-mesmo, do processo de individuação. Entretanto, para as autoras, esta vontade de ser feliz ainda é muito imatura, comparada a uma criança que pede um doce para um adulto e chora se a resposta for um não. Para as autoras,

Se vocês se detiverem na questão pensando com lógica, verão que o conceito primitivo e deturpado que o bebe tem da felicidade significa, de fato, o desejo do domínio onipotente, de ocupar uma posição especial que daria direito à obediência irrestrita do mundo circundante. A criança exige que todos satisfaçam o que ela deseja. Quando esse desejo não pode ser satisfeito – e nunca pode – sua frustração é absoluta (PIERRAKOS & SALLY, 2001, p. 86).

No conceito junguiano, seria a vontade do ego de dominar o inconsciente, de possuir a personalidade mana e ser Deus. Isto se relaciona com as ilusões de felicidade suprema supostamente encontrada nos casamentos, muito comum nos contos de fadas.

A exposição racional e intelectual deste processo deixa a desejar para se explicar este fenômeno que é vivido de forma extremamente intensa. A participação mística envolve energia assustadoramente forte, advinda da numinosidade que os arquétipos possuem. No caso de se buscar viver um conto de fadas no relacionamento, a busca do arquétipo de deus é patente, mas é distorcida pelo medo, também arquetípico, do mal propriamente dito, este representado por nossos aspectos negativos.

É claro que as decepções e ilusões serão inevitáveis. Se estes sentimentos forem encarados como uma oportunidade de olhar para si mesmo e enxergar onde fomos responsáveis pelos nossos próprios fracassos, haverá a chance real de aumento da consciência e maturidade, de se viver a uma felicidade real sem a negação de fraquezas nossas e alheias. Entretanto, se nos investimos na posição de vítimas do mal do mundo, e assumimos uma posição pessimista, para não dizer medrosa, criamos o verdadeiro filme de terror.

Nos casos em que as pessoas já vivenciaram profundas decepções e desilusões e continuam a negar a própria responsabilidade pelo que acontece em suas vidas, é comum enxergarem o casamento como a pior das criações humanas. Esta situação também é fruto do medo de se encarar o mal em si e nos outros, só que neste caso, a busca pela felicidade esta mais conscientemente fundamentada em evitar o sofrimento. Nestas pessoas, o medo da sombra interior faz com que procurem no mundo os responsáveis pelo seu fracasso.

Conforme vimos, este medo é também genuíno porque as forças do inconsciente são assustadoramente intensas e separadoras. Sobre as forças do inconsciente, Jung diz que

compreendemos sem dificuldade o medo que a criança e o primitivo sentem diante do mundo amplo e desconhecido. Pois é o mesmo medo que experimentamos em nosso mundo interior infantil, que se nos afigura imenso e desconhecido (2008b, p.79).

Este processo de projeção da sombra nas outras pessoas é vivido no interior do indivíduo e atua sorrateiramente por trás da mente racionalizadora do ego consciente. Por ser um movimento inconsciente, as pessoas não percebem que quando fazem generalizações negativas relacionadas ao matrimônio, provavelmente estão se baseando

nos insucessos particulares próprios ou de terceiros, e menos ainda que em muitos casos, estes problemas foram fruto da própria incapacidade de lidar com sua negatividade. Este medo, que é arquetípico, é resultado da história da psique da humanidade, está repleto da numinosidade característica dos assuntos universais da civilização.

Jung fala do medo arquetípico, provindo da parte coletiva da psique inconsciente, nos seguintes termos:

O homem tem, de fato, motivos suficientes para temer as forças impessoais que se acham ocultas em seu inconsciente. Encontramo-nos numa feliz inconsciência, uma vez que tais forças jamais, ou pelo menos quase nunca, se manifestam em nossas ações pessoais e em situações normais. Por outro lado, quando as pessoas se reúnem em grande número transformam-se em turba desordenada, desencadeando-se os dinamismos profundos do homem coletivo: as feras e demônios que dormitam no fundo de cada indivíduo, convertendo-o em partícula da massa. No seio da massa, o homem desce inconscientemente a um nível moral e intelectual inferior, que sempre existe sob o limiar da consciência, e o inconsciente está sempre pronto para irromper, logo que ocorra a formação e atração de uma massa. (JUNG, 1978, p. 16-17)

4.2. O CAMINHO VOLUNTÁRIO PARA A TOTALIDADE

Não obstante as duas perspectivas apresentadas sobre o casamento sejam muito comuns, não são elas as duas únicas possibilidades. Conforme vimos, são na verdade dois aspectos do mesmo problema, qual seja o medo de lidar com as dificuldades pessoais. Enquanto aqueles que pensam ser o casamento um conto de fadas querem a felicidade gratuita e infantil, os que pensam ser um filme de terror fogem de um empreendimento que poderia trazer benefícios pessoais, e como o ditado diz, jogam fora o bebê junto com a água suja.

Também vimos que estes medos são genuínos, não obstante sejam impulsos distorcidos. A busca pelo que temos de melhor e mais sagrado é o impulso que está por trás da questão do matrimônio, e isso inclui o tornar-se si mesmo, a busca pela completude, o chamado de processo de individuação. E é claro, também contempla o amor ao próximo, não aquele que se faz cego diante das falhas alheias porque o idealiza perfeito

Viver voluntariamente este processo é a alternativa que temos, ao invés de criarmos historinhas de cinema. A individuação, que não é mais do que tornar-se si mesmo, é vivido como uma jornada interior a que cada indivíduo é chamado a percorrer, caminho este que ninguém poderá viver, a não ser ele mesmo. É a via do autoconhecimento, que é o sentido para o qual a vida nos empurra constantemente.

Isto não poderia ser diferente no casamento, sendo que o caminho alternativo ao conto de fadas e ao filme de terror será sempre a sinceridade para com os próprios aspectos ocultos da personalidade, e o verdadeiro entusiasmo em se redescobrir. Nisto está inclusa a redescoberta do outro. Conforme Sanford, “o que é tido como mal da perspectiva do ego pode não ser da perspectiva do si-mesmo” (1988a p. 18)

No Capítulo sobre a sistemática dos relacionamentos ficou bastante claro como o empreendimento do matrimônio pode nos revelar aquilo que temos guardado, e que nos torna infelizes, seja casado ou não. Neste sentido, apesar de que constantemente a culpa da infelicidade é colocada nas outras pessoas, os mecanismos por trás dos relacionamentos nos mostrou que o germe desta infelicidade já reside nas pessoas muito antes de se relacionarem com seus parceiros. Enquanto a negação das fraquezas e desvios de personalidade persistirem, não há relacionamento que vá solucionar os problemas pessoais. Por isto,

O inconsciente tanto pode se tornar veneno como remédio, para curar ou para destruir. Quando o inconsciente começa a nos atingir e não temos ainda visão do que está agindo sobre nós, os efeitos são negativos. Mas quando conseguimos formar a visão do que está acontecendo conosco, aquela mesma força do inconsciente se transforma em poder curativo e modificador. (SANFORD, 1988b, p.44)

É neste sentido que a imagem do casamento vendida na atualidade não contribui para que seja aproveitada a oportunidade de engrandecimento que este contrato enseja. Enquanto assistimos às famosas tramas novelísticas e às fofocas das maravilhosas vidas artísticas, precisamos saber que estão permeadas de frustrações e projeções inconscientes, fugas e medos sorrateiros que levam sempre à negação da própria personalidade, e conseqüentemente ao caminho mais longo para a verdadeira realização.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho foi explicitado que as expectativas irreais que existem em torno do casamento são bastante complexas e interligadas. Tanto as ilusões de felicidade quanto as certezas do fracasso desta instituição estão baseadas no medo que os indivíduos possuem de lidar com os próprios desvios de caráter e no anseio pela realização da completude.

Enquanto as pessoas praguejam os matrimônios, desmerecem os parceiros ou condenam a atitude do casamento, estão negando a responsabilidade individual pelos próprios fracassos, estão fugindo deliberadamente do fato de que o mal não existe apenas no mundo, mas também no interior de si mesmos. Ao fugirem de novas experiências íntimas vivenciam o impulso para a felicidade na negação de trabalho interior que é preciso realizar para se completarem. Considerando a numinosidade da inconsciente, bem como a forte influência deste constatada, a primeira hipótese foi comprovada. Além disso, enquanto as pessoas sonham em encontrar um príncipe/princesa encantado, estão vivendo infantilmente o anseio pela completude, pela busca do que há de melhor, e negam inconscientemente a necessidade de encarar aspectos não tão bons ainda residem em suas personalidades. A segunda hipótese também foi comprovada quando consideramos o processo de individuação que leva à busca do sagrado interior.

Neste sentido, uma atitude de franqueza para consigo mesmo e para os outros, e interesse e sinceridade para com as fraquezas e limitações pessoais é uma boa alternativa para uma sólida satisfação pessoal. Durante o trabalho ficou evidenciado que apesar de serem duas hipóteses com causas um pouco diferentes, na verificação de ambas ficou explícito que o casamento é ambiente rico e propício para que o confronto com a sombra favoreça o processo de individuação descrito por Jung. A boa vontade para a exploração do desconhecido mundo do inconsciente se mostra como uma interessante terceira via, nem um filme de terror, nem um conto de fadas, mas a bela vida real.

REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, Aldo. *Amar, Trair*. São Paulo: Paulus, 1997.

DIONE, Arthur. *Jung e a Astrologia: a interpretação do horóscopo através da psicologia junguiana* / Arthur Dione; tradução de Cláudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997)

JOHNSON, Robert A. *We, A Chave da Psicologia do Amor Romântico*. São Paulo: Editora Mercury, 1987.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*, Petrópolis, Vozes, 1978.

_____. *O Desenvolvimento da Personalidade*, Petrópolis, Vozes, 1986.

_____. *Civilização em Transição*. Petrópolis, Vozes, 2007a

_____. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 2007b

_____. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008a.

_____. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 2008b.

_____. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis, Vozes, 2008c.

_____. *Arquétipos do Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, Vozes, 2008d.

MINDELL, Arnold. *O corpo onírico nos relacionamentos*. São Paulo: Editora Summus, 1991

PIERRAKOS, Eva e THESENGA, Donovan. *Não Temas o Mal*, São Paulo, 17 ed. Cultrix 2005

PIERRAKOS, Eva e SALY, Judith. *Criando União*, São Paulo, Cultrix 2001.

SANFORD, John. A. *Os parceiros invisíveis*. São Paulo: Paulus, 1986.

_____. *Mal, o Lado Sombrio da Realidade*. São Paulo: Paulus, 1988.

YORIO, Vanda Di. *Amor conjugal e terapia de casal*. São Paulo: Editora Summus. 1996.